

A ANÁLISE LINGUÍSTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DIÁLOGO COM DOCENTES DE JABOATÃO DOS GUARARAPES/PE

Shamara Angélica Cassiano da Paz Sousa Costa¹; Ana Cláudia Alves de Albuquerque²;
Everaldo Costa Santana³; Gerlangi da Conceição Silva⁴

¹Prefeitura da Cidade de Jaboatão dos Guararapes- E-mail: shamara_paz@hotmail.com

²Prefeitura da Cidade de Vitória de Santo Antão- E-mail: aninhha@gmail.com

³Prefeitura da Cidade de Ipojuca- E-mail: everaldcostas@gmail.com

⁴Prefeitura da Cidade de Jaboatão dos Guararapes- E-mail: gerlangi@yahoo.com.br

Resumo: A língua só existe em sociedade. Diante desta realidade, o ensino de Língua Portuguesa deve extrair a serviço da sociedade. É preciso que os professores criem oportunidades para que seus alunos reflitam, construam e reconstruam conhecimentos a partir do contato com diferentes textos, assim os discentes compreenderão, de fato, o funcionamento da língua. Nesse sentido, a Análise Linguística ganha espaço, na medida em que complementa as práticas de leitura e produção textual, possibilitando uma reflexão sobre a língua. Este trabalho parte dessas discussões e fundamenta-se em estudiosos, como: Antunes (2003), Koch (2015), Schnewly e Dolz (2004), Mendonça (2007), entre outros. O presente artigo trata-se de um estudo de caso realizado com professores de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental no Município de Jaboatão dos Guararapes/PE e apresenta como objetivo geral analisar a relação existente entre a concepção de Análise Linguística de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua prática pedagógica. Para uma compreensão mais embasada, em relação aos objetivos específicos, procurou-se: (i) Identificar a concepção de Língua (gem) do professor; (ii) Investigar como o professor organiza o trabalho com o eixo Análise Linguística entrelaçado aos eixos escrita, leitura e oralidade. Os resultados atestam que a Análise Linguística ainda é desconhecida por alguns docentes e ainda vem encontrando espaço nas aulas de Língua Portuguesa. Portanto, é preciso ampliar este debate em formações continuadas, palestras, minicursos para que haja uma minimização de inquietações.

Palavras-chave: Análise Linguística, Gêneros Textuais, Linguagem.

INTRODUÇÃO

Quando abordamos a temática do ensino da Língua Portuguesa, é importante pensarmos nas concepções de língua (gem), gramática, entre outros termos, pois são as concepções dos professores que fundamentam a sua prática pedagógica, mesmo que implicitamente. Colaborando com essa discussão, Antunes (2014, p.15) afirma: “A concepção (ou a teoria) que se tem acerca do que seja a linguagem, acerca do que seja a língua, do que seja a gramática é o ponto de partida para todas as apreciações que fazemos”.

Assim, a postura que determinado docente assume nas aulas de Língua Portuguesa está entrelaçada as suas concepções.

Em relação às concepções de linguagem, Koch (2015) apresenta três concepções. A primeira é a linguagem como representação do mundo e do pensamento. Nesse sentido, a linguagem é algo pronto e acabado.

A segunda concepção é a linguagem como instrumento de comunicação. Nessa concepção, não existe o processo de interação entre as pessoas.

A última concepção dá espaço à linguagem como forma de ação ou interação. É nesta concepção que este trabalho preocupa-se em levantar discussões.

Segundo Paz (2017), nesta concepção acontece o diálogo, de fato, em que há o envolvimento dos sujeitos, do contexto, do discurso, das relações de sentido em busca da reflexão-ação-reflexão.

Ao debatermos sobre a Análise Linguística, é importante falar da Gramática. Segundo Antunes (2007) a Gramática é um dos componentes da Língua e não a própria língua. Por isso, as aulas de Língua Portuguesa não podem ser reduzidas ao ensino da Gramática. Além disso, a Gramática também apresenta suas concepções, entre elas: a Gramática Normativa, a Gramática Descritiva e a Gramática Internalizada.

A Gramática Normativa preocupa-se apenas com a língua prestigiada socialmente. Define o que é certo ou errado. É um conjunto de regras para “falar bem”.

A Gramática Descritiva é um conjunto de regras que são seguidas por determinado grupo. Não há a preocupação com o certo e o errado.

A última concepção, trata-se da Gramática Internalizada. De acordo com Travaglia (2009, p.30): “[...] A Gramática Internalizada é a que constitui não só a competência gramatical do usuário, mas também sua competência textual e sua competência descritiva e, portanto, sua competência comunicativa”.

Dessa maneira, a Gramática Internalizada deve ser valorizada na escola. Ao chegar na instituição escolar, a criança já leva consigo essa gramática que faz parte de sua cultura. Ela traz uma educação assistemática apreendida pelo convívio com as pessoas do seu grupo social.

Durante muito tempo as aulas de Português eram reduzidas à Gramática Normativa, acreditando que dessa maneira os alunos melhorariam na leitura e na produção de textos. Com esse ensino descontextualizado as aulas ficam desinteressantes, afinal, como afirma Antunes (2014, p.82): “A língua em uso está fora dessas atividades da escola, por isso mesmo, essa língua não provoca interesse e, muito menos, entusiasmo ou admiração”. A partir do momento em que se tem uma concepção de linguagem como processo de interação, há a preocupação de

inserir nas aulas de Língua Portuguesa momentos/atividades que complementem o uso da linguagem em vários aspectos da sociedade que os alunos já vivenciam no dia a dia. É de grande relevância que o professor aproveite os conhecimentos prévios dos alunos.

Assim, surgiu a perspectiva da Análise Linguística- AL na década de 80, com o lançamento da proposta do texto ganhar espaço nas aulas como objeto de ensino da Língua Portuguesa. O termo Análise Linguística foi cunhado por Geraldí (1997) e a partir daí buscou-se pensar em um ensino de Língua Portuguesa que oferecesse oportunidade para o aluno observar, refletir, comparar e não memorizar e receber conteúdos prontos e acabados sem relação com a sua vivência fora da escola. A AL passou a complementar as práticas de leitura e escrita, é um eixo vertical que perpassa todos os outros eixos do ensino da Língua Portuguesa. A AL não se trata de uma nova definição para a Gramática, portanto não pode ser reduzida a aspectos gramaticais. Ainda há uma má compreensão em que erroneamente a AL é vista como um ensino renovado da gramática. A AL está inserida na concepção de língua (gem) como interação. Nessa concepção, o texto é visto como o espaço de interação, em que há sujeitos participantes de um diálogo, ou seja, há uma comunicação.

Diante dessas discussões, este artigo apresenta como objetivo geral analisar a relação existente entre a concepção de Análise Linguística de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua prática pedagógica. Para uma compreensão mais embasada, em relação aos objetivos específicos, procurou-se: (i) Identificar a concepção de Língua (gem) do professor; (ii) Investigar como o professor organiza o trabalho com o eixo Análise Linguística entrelaçado aos eixos escrita, leitura e oralidade.

METODOLOGIA

A orientação metodológica desta pesquisa teve como referência autores, como: Minayo (2001), Ludke e André (1986), Yin (2005), entre outros.

Para atingirmos os objetivos apresentados neste estudo, optou-se pela realização de uma pesquisa com abordagem qualitativa. A escolha por essa abordagem se deu, porque a pesquisa qualitativa tem uma maior flexibilidade frente à realidade que se pretende investigar. Conforme Ludke e André (1986, p.18): “O estudo qualitativo é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto”. Além disso, Goldenberg afirma:

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que

defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa. (1997, p. 34)

Nesse sentido, este artigo apresenta um estudo de caso, pois esse método de pesquisa apresenta possibilidades de conhecermos o campo e as ideias dos participantes de uma maneira mais interativa. De acordo com Yin (2005) o estudo de caso é uma maneira de investigar fenômenos da atualidade dentro do seu contexto real. Assim, é uma oportunidade de “trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. (MINAYO, 2001, p.22).

Um ponto fundamental da metodologia é definir o cenário, isto é, o lócus da pesquisa. Para tanto, escolheu-se uma escola da Rede Pública Municipal de Jaboatão dos Guararapes/PE. A escola municipal apresenta uma boa estrutura física, encontrando-se bem conservada e limpa. Em relação aos níveis de ensino, a escola oferece o Ensino Fundamental, funcionando das 7h00min às 17h00min.

No que diz respeito à coleta de dados, é preciso utilizar um instrumento de coleta. Assim, utilizou-se a entrevista semiestruturada. Essa escolha teve como base, pensamentos de estudiosos, como Gil (1999) que afirma que o entrevistador é um mediador que conduz a conversa, dessa forma conhecendo a realidade profunda e subjetivamente. Corroborando com essa afirmativa, Rosa e Arnoldi (2014, p.15) deixam claro:

Podemos certificar que a opção pela técnica de coleta de dados através da entrevista deve ser feita quando o pesquisador precisa valer-se de respostas mais profundas para que os resultados de sua pesquisa sejam realmente atingidos e de forma fidedigna.

Nesse contexto, elaboramos as perguntas da entrevista com base no referencial teórico. Assim, a entrevista foi realizada com uma amostra de dois participantes, professores do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Solicitamos ao gestor a permissão para a realização da pesquisa e ele indicou dois professores que eram muito comprometidos com a educação e tinham disponibilidade para participar da pesquisa. Os professores serão apresentados neste artigo como “P1” e “P2”.

Em relação à pesquisa bibliográfica, esse estudo recebeu subsídios de teóricos, como: Geraldi (1997), Travaglia (2009), Mendonça (2007), Antunes (2014), entre outros, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (2012).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O objetivo maior dessa pesquisa foi analisar a relação existente entre a concepção de Análise Linguística de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua prática pedagógica. Para uma compreensão mais embasada, em relação aos objetivos específicos, procurou-se: (i) Identificar a concepção de Língua (gem) do professor; (ii) Investigar como o professor organiza o trabalho com o eixo Análise Linguística entrelaçado aos eixos escrita, leitura e oralidade.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes/PE. Nessa escola funciona o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano e o horário de funcionamento é 7h00min às 17h00min. Durante o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com docentes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, a fim de atingirmos os objetivos propostos.

O P1 possui graduação em Pedagogia e Especialização em Psicologia na Educação, ambas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ele tem 9 anos de experiências e é professor efetivo há 2 anos em Jaboatão.

O P2, por sua vez, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Especialização em Coordenação e Gestão Escolar pela Alpha. Ele possui 6 anos de experiência e é professor efetivo há 1 ano na rede de Jaboatão.

A entrevista foi iniciada com a seguinte pergunta: **Qual é a sua concepção de Língua, Linguagem e Gramática?** Eis as respostas:

	P1	P2
Língua	Língua é o nosso idioma.	Língua é a língua que a gente fala.
Linguagem	A Linguagem é como o povo, a população fala, consegue se comunicar.	Linguagem são os gêneros textuais
Gramática	Gramática é justamente as regras de como as pessoas deveriam falar e escrever”	Gramática é como a gente analisa as classes gramaticais: substantivo, verbo, advérbio...”.

Quadro 1. Concepções dos professores sobre Língua, Linguagem e Gramática. Fonte: Própria, 2018.

De acordo com as concepções dos professores, nota-se que eles percebem a língua como uma dimensão social, ou seja, direcionada para a comunicação. Apesar da P2, resumir a linguagem aos gêneros textuais, ela demonstra no decorrer da entrevista que entende a função

da linguagem. Schneuwly e Dolz (2004) colabora com esse debate ao afirmar que os gêneros textuais são instrumentos da cultura presentes nas interações sociais. Nota-se que o P2 compreende a relação dos gêneros textuais com a comunicação dentro e fora da escola.

No que diz respeito à concepção de gramática, ambos carregam uma concepção de gramática normativa, não conhecendo outros tipos de gramática. A gramática normativa não dá espaço para a variação linguística, a única variação aceita é a norma padrão. De acordo com Antunes (2007) as decisões que os professores tomam em sua prática depende do conjunto de concepções que eles têm.

A 2ª pergunta da entrevista foi: **Qual é o objetivo do ensino da Língua Portuguesa?** Os professores afirmaram:

Na minha concepção, a gente deve ensinar Língua Portuguesa porque como cada um tem um jeito de falar, cada um vai falar de uma maneira, cada um vai criar uma palavra nova, uma linguagem nova... Precisam padronizar para que todo mundo possa compreender e se comunicar. (P1)

Acho que é formar um cidadão crítico, que ele aprenda a concepção de interpretar e entender, não seja um analfabeto funcional, ele leia e não só decodifique as letras, mas também que ele leia e entenda o que está lendo e também seja uma pessoa que faça reflexão, seja um ser pensante. A língua faz com que a pessoa venha a refletir. (P2)

Ao analisarmos as respostas dos professores, percebemos que o P1 centra o objetivo do ensino da Língua Portuguesa na gramática normativa. Sabemos que a gramática é apenas um componente da língua, logo o objetivo desse ensino não reduzir-se a aspectos gramaticais. É preciso levar em consideração, de acordo com Antunes (2007), os outros componentes da língua: o léxico, a composição de textos, a situação de interação e a gramática e não somente a gramática.

O P2 compreende as funções sociais do ensino da Língua Portuguesa, reconhece a língua como um processo de reflexão. Dessa maneira, prepara-se o aluno para a prática social, resignificando a aprendizagem para além do chão da escola.

Na 3ª pergunta da entrevista, os professores foram questionados sobre **O que é Análise Linguística**. Eis as respostas:

Análise Linguística é justamente estudar o que tá surgindo de conceitos, palavras do cotidiano, o que os jovens falam... Jovem gosta muito de criar expressões e a Análise Linguística é justamente para analisar isso, tanto a forma como você fala, quanto como se falava tempo atrás. (P1)

Acho que vai mais para a morfologia da palavra. É como eu falei na Gramática. Você coloca uma frase e você faz uma análise, parte por parte, de cada palavra. Por exemplo: "O homem caiu", aí você diz: O (o) é o artigo, o (homem) é o substantivo e

(caiu) é o verbo. Você faz essa análise morfológica. Acho que a Análise Linguística é analisar partícula por partícula. (P2)

Diante das respostas, nota-se que o P1 aproxima-se com mais precisão do conceito de Análise Linguística. Mendonça (2007) a Análise Linguística não é uma nova roupagem para o ensino da gramática, mas sim uma nova concepção do que deve ser o ensino de Língua Portuguesa. A AL é uma ferramenta para a leitura e a produção de texto e dá prioridade ao texto, além de oferecer espaço para a reflexão constante. O P2, por sua vez, demonstra desconhecimento do termo AL, confundindo com a análise morfológica.

A AL não pretende retirar a gramática normativa das aulas de Língua Portuguesa. Sabemos que os alunos precisam ter conhecimentos da gramática da norma padrão também. Após diversas oportunidades de contato com os mais variados gêneros textuais, após terem diversas experiências de reflexão, eles terão acesso às atividades de metalinguagem. Geraldi (1997), salienta que é importante partir do texto do aluno, para que o ensino gramatical tenha, de fato, sentido. Isso é importante, afinal, o professor precisa compreender a necessidade de orientar seus alunos nesse processo. O autor supracitado nos leva a refletir sobre a linguística, nos fazendo caminhar por um caminho iniciando na epilinguística e concluindo na metalinguística.

Na 4ª pergunta da entrevista foi solicitado que os professores falassem sobre **a organização do o trabalho envolvendo a Análise Linguística com os eixos leitura, produção de texto e oralidade**, pois como orienta os Parâmetros Curriculares da Educação Básica de Pernambuco (2012), a Análise Linguística é um eixo vertical, no sentido que perpassa por todos os outros eixos do ensino da língua portuguesa:

A reflexão sobre a língua faz sentido apenas a partir de seus usos, em situações de interação oral, de leitura e escrita. [...] O desenvolvimento da capacidade de reflexão e de análise linguística é fundamental para a formação de um usuário da língua capaz de uma atitude criativa, e não apenas reprodutiva, frente à mesma. (BRASIL, p. 40)

Diante disso, não basta dedicar maior tempo há um eixo que a outro, é preciso que haja uma consonância, um entrosamento. Entretanto, Mendonça (2007) afirma que a interligação entre esses eixos ainda é um desafio para muitos professores. Ao serem questionadas sobre como organizam esse trabalho, eles afirmam:

Eu trabalho mais a parte da Gramática, ortografia principalmente. Eu trabalho muito com interpretação de textos, pesquiso muito na internet, procuro saber o que eles entenderam. Busco comparar palavras de hoje com antigamente. (P1)

Eles têm muita dificuldade de ler e escrever. Exemplo: Quero trabalhar o gênero receita, então começo trabalhando o contexto da receita, o que é... Não posso envolver outras coisas, outros conceitos. Por exemplo: Se eu tirar uma palavra para trabalhar o substantivo, já vai confundir a mente deles. Tenho que trabalhar minuciosamente uma coisa, depois outra, depois amarrar tudo. (P2)

O P1, mais uma vez, demonstra conhecimentos sobre a Análise Linguística. Ele leva seus alunos a refletirem sobre a língua, compara palavras no texto, seus significados, envolve a interpretação do texto. Ele demonstra ser um professor pesquisador. Freire (1996, p.29) já afirma: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Apesar do P1 valorizar a gramática normativa, a AL linguística encontra certo espaço em suas aulas.

Por sua vez, o P2, apesar de desconhecer o conceito de AL, realiza práticas de AL em suas aulas por meio dos gêneros textuais. Ele explora os gêneros textuais, sua função social, articulando o conhecimento macro sobre o gênero. A partir dessas atividades peilinguísticas, os alunos refletem sobre a língua dentro e fora da escola. Depois, o P2 aborda as atividades metalinguísticas, dando espaço à gramática normativa.

A 5ª pergunta foi: **Como você seleciona os conteúdos de Língua Portuguesa?** Eis as respostas:

Eu não costumo trabalhar muito com os livros de Língua Portuguesa dados pela prefeitura. Eu gosto muito do livro “Marcha Criança”, ele é mais detalhado, facilita o meu trabalho e o deles. Seleciono os conteúdos por esse livro. (P1)

Aqui tem a grade curricular. Tenho certa liberdade. Fiz uma sondagem e vi o que os alunos precisam e aí eu vi na grade curricular de Jaboatão e vi o que era necessário para os meus alunos. (P2)

Nota-se certa liberdade dos professores, mesmo que haja a proposta curricular do município. O P2 realiza uma avaliação diagnóstica periodicamente e a partir dessa sondagem seleciona os conteúdos a serem trabalhados. Geraldi (1997) corrobora com essa proposta ao afirmar que para o ensino da Língua Portuguesa ter sentido, na medida em que ajuda o aluno partindo do texto dele. O P1 seleciona os conteúdos por meio do livro didático. Esta ação pode não corresponder à realidade da turma.

Em relação à 6ª pergunta, os professores foram questionados sobre **Como trabalha a Gramática nas aulas de Língua Portuguesa.**

O livro “Marcha Criança”, ele trabalha muito a questão da Gramática e ele traz o passo a passo. Ele vai mostrando o tempo que você deve trabalhar esses conteúdos. Quando se tem projetos a gente busca outras formas, como internet, outros livros... Fazemos leitura de livros paradidáticos. (P1)

Eu nunca trabalho ela sozinha. Eu trabalho o gênero depois a gramática. Trabalhei receita, trabalho uma classe gramatical. Já consigo tirar dali a palavra BOLO, por exemplo. Sempre contextualizado. (P2)

Mais uma vez, o P1 aborda a questão da gramática normativa, preso ao livro didático. Ele não realiza projetos por conta própria, mas a escola está sempre desenvolvendo ações conjuntas e ele busca participar. O P2 trabalha a gramática contextualizada. É importante ressaltar que a gramática contextualizada, de fato, não é um pretexto para ensinar a gramática normativa, mas como aborda Antunes (2014, p.47): “Gramática contextualizada é gramática a serviço dos sentidos e das intenções que se queira manifestar num evento verbal, com vistas a uma interação qualquer”. Assim, o P2 busca levar o texto para a sala de aula e não perde de vista o conjunto total do texto, isto é, sua temática, seu objetivo comunicacional, as características do gênero, os sujeitos, os espaços, os suportes, enfim.

A 7ª pergunta foi sobre os **recursos que os professores usam na sala de aula**. Eles responderam:

Som, datashow, TV, Livros didáticos, livros paradidáticos que o município oferece para os alunos, assim como os livros “Aprova Brasil”, eu também costumo trazer textos. (P1)

Temos poucos recursos, data-show, cartolina... (P2)

Como visto, os professoras possuem, além dos livros didáticos, livros paradidáticos oferecidos pelo município. Elas utilizam muito o data-show nas aulas. São professoras que gostam de pesquisar.

Ao serem questionados se **trabalham com os gêneros textuais e de que forma se dá esse trabalho**, na 8ª pergunta, os docentes afirmaram:

A gente trabalha. Estamos trabalhando o gênero Cordel, mas é para o projeto do Folclore. Quando tem projeto a gente busca coisas diferentes. É o município que sugere os projetos. (P1)

Sempre trabalho de forma contextualizada. Sempre procurando a interpretação oral ou escrita. Biografia, por exemplo, eu não fico só presa no livro. Eu já peguei as datas comemorativas e inseri dentro do gênero. Dia da mulher vamos fazer a biografia das professoras. Eu sempre tento mesclar uma coisa com a outra. Estou trabalhando o Folclore, então trabalho com os mapas, as cinco regiões e dentro disso estou trabalhando as danças. Trabalho sempre com as outras disciplinas. (P2)

É notório que o P2 realiza atividades de epilinguagem, em que os alunos de fato refletem, comparam, trocam ideias, refletem sobre as construções linguísticas e discursivas de

determinadas obras. Eles se sentem como sujeitos ativos, principalmente no momento da socialização, por meio da roda de conversa.

O P1 trabalha com gêneros textuais com mais ênfase quando há projetos sugeridos pela prefeitura, indo além do livro didático.

Na 9ª pergunta, os professores tiveram a oportunidade de falarem sobre as formações continuadas: **Você acha que as formações continuadas contribuem com a sua prática?**

Formação é difícil. Só tive uma formação para falar da Prova Brasil. Eles se preocupam mais com as avaliações externas. (P1)

Contribui. Quando a gente vai pra lá, a gente troca experiências. (P2)

Percebe-se que os professores não tiveram oportunidade de participarem de formações continuadas, de fato. Quando houve foi para tratar de avaliações externas. De acordo com Kleiman (2007) os cursos de formação de professores devem propiciar mais que teorias e conceitos, mas devem, inclusive, formar o professor letrado. Dessa forma ele buscará aprender cada vez mais sobre a sua disciplina e metodologias de ensino. Assim, o professor será um agente social e terá consciência de seu papel, o de ensinar, aprender e reaprender com seus alunos. É uma troca de experiências, como afirma o P2.

A última pergunta foi a respeito da **relação com a família dos alunos**.

É fundamental a presença da família. Mudou muito a relação da família com a escola. Antigamente, os pais queriam saber como os filhos estavam; hoje em dia não... Só querem saber se estão vindo para a escola e não saber se estão aprendendo. A maioria dos pais não estão nem aí. (P1)

Tem algumas mães que não têm modo de falar... ao mesmo tempo, aqui é uma escola muito tranquila. Quando a gente consegue ganhar a turma, a gente ganha as mães. No começo, elas queriam impor, mas a partir do momento que eu ganhei a turma, os meninos gostam de mim, me respeitam, eles passam essa confiança para as mães. (P2)

Um dos pontos principais para um ensino de qualidade é a presença da família na escola. Aos poucos os professores vão ganhando a confiança dos pais.

Portanto, notou-se que os professores apresentam práticas diferenciadas em relação a Análise Linguística. Há uma mescla entre concepções tradicionais e concepções inovadas da Língua e Linguagem. Eles demonstram ser professores pesquisadores. O P1 ainda está preso na gramática normativa como o centro das aulas de Língua Portuguesa. Por outro lado, há uma certa presença da Análise Linguística. O P2 não se prende ao livro didático como recurso único para subsidiar a sua prática, ele está sempre em busca de inovações em sua sala de aula. Ele

apresenta um trabalho interligando os gêneros textuais à Análise Linguística em todo momento, apesar de não conceituar a Análise Linguística, ele tem uma concepção mesmo que implícita. Ele proporciona o contato e o estudo de gêneros textuais diversos, de modo que os alunos tanto explorem os textos a partir das suas funções sociais, quanto podem refletir e organizar as informações aprendidas.

CONCLUSÃO

Este artigo buscou analisar a relação existente entre a concepção de Análise Linguística de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e sua prática pedagógica. Para uma compreensão mais embasada, em relação aos objetivos específicos, procurou-se: (i) Identificar a concepção de Língua (gem) do professor; (ii) Investigar como o professor organiza o trabalho com o eixo Análise Linguística entrelaçado aos eixos escrita, leitura e oralidade. A prática de Análise Linguística vem, aos poucos, ganhando espaço. Alguns professores ainda desconhecem a sua concepção, bem como a sua importância para as aulas de Língua Portuguesa. Os objetivos foram atingidos por meio de uma entrevista semiestruturada.

Assim, constatou-se que a prática de AL vem ganhando espaço nas práticas dos professores entrevistados. Cada um ao seu modo, realiza práticas de Análise Linguística, embora a Gramática Normativa ainda esteja presente de uma forma ampla. Há uma mescla entre concepções tradicionais e concepções inovadas da Língua e Linguagem.

Portanto, a Análise Linguística contribui para o desenvolvimento dos alunos no que diz respeito à leitura, produção de textos, à oralidade, por isso todos os eixos devem estar interligados. Ela é um complemento a essas práticas, possibilitando a reflexão da língua por meio de diversos textos, incluindo as próprias produções dos alunos. É uma maneira de diálogo em que os alunos não precisarão “dominar regras”, mas compreender o fenômeno linguístico. Assim, os alunos dominarão a competência comunicativa, pois estarão tendo oportunidades de vivenciarem situações comunicativas de acordo com o contexto no qual estão inseridos. Sem preocupação de estudar “somente” a Gramática Normativa e de uma maneira totalmente desconexa da realidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedra no caminho.** São Paulo: Ed. Parábola, 2007;

_____, I. **Gramática Contextualizada: “limpando o pó das ideias simples”**. 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014;

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco: Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio**. Brasília: MEC, 2012;

DOLZ, J. NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequência didática para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2004;

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996;

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997;

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999;

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997;

KOCK, I. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2015;

KLEIMAN, A. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. In: Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/242/196>. Acesso em: 09 de agosto de 2018;

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986;

MENDONÇA, M. Análise Linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. In: SANTOS, C.F; MENDONÇA, M; CAVALCANTI, M.C.B. **Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007;

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001;

PAZ, S.A.C. A Análise Linguística no Ensino Médio: um olhar sobre a prática dos professores. In: Congresso Internacional de Tecnologia na Educação, 15, 2017, Olinda/PE. **Anais do 15º Congresso Internacional de Tecnologia na Educação**. Olinda, 2017;

ROSA, M.V, de F.P.C.; ARNOLDI, M.A.G.C. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: mecanismo para validação dos resultados**. 2.Ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2014;

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1.º e 2.º graus**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.